

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!



# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P. C. P.

## Para elevar o nível ideológico do Partido

**PARA QUE HAJA PROGRESSOS EM TODA A SUA ACTIVIDADE,  
HÁ QUE LEVAR À PRÁTICA DE UM MODO AMPLO,  
A CRÍTICA E A AUTO-CRÍTICA**

O nosso Partido tem diante de si a grande tarefa de se **armar** mais e mais, sob o ponto de vista ideológico, conforme foi salientado no seu 2.º Congresso e noutras reuniões da sua Direcção Central. Exige-o o papel de vanguarda do nosso Partido, a melhoria de todo o seu trabalho e o desenvolvimento político de todos os seus militantes, com vista à educação das massas na sua luta contra o fascismo, pela Democracia e pela defesa da Independência e da Soberania Nacionais. Para bem se compreender a necessidade de **armar** ideologicamente o nosso Partido, bastaria salientar a grandiosa luta que se está travando entre o sistema capitalista e o sistema socialista, o ritmo com que os povos avançam em direcção ao comunismo sob o exemplo e a direcção da URSS, com o exemplo e apoio dos países da Nova Democracia. Para bem se compreender a necessidade de **armar** ideologicamente o nosso Partido, não podemos esquecer que temos de dar combate sem tréguas aos falsos democratas que procuram quebrar a Unidade, que procuram dar um curso falso à luta nacional democrática; nós temos de combater os traidores à classe operária, os socialistas de direita, chefiados por Ramalho Curto, António Sérgio e pelo renegado José de Sousa e todos os seus comparsas do pseudo-P. Socialista Português, que tentam infiltrar-se no seio das classes trabalhadoras e das suas organizações e desviar o povo do caminho da Unidade e da luta. Neste sentido, não se podem perder de vista as grandes tarefas que hão-de resultar para o nosso Partido, do derrubamento do fascismo salazarista, com a conquista, defesa e consolidação da Democracia. Para fazer frente a esta situação, para assegurar o papel de vanguarda do P. nas futuras batalhas contra o fascismo, é preciso que ele, que cada comunista, esteja bem armado sob o ponto de vista ideológico.

Claro que para melhorarmos o nível ideológico do nosso Partido, não podemos esquecer, em primeiro lugar, a feroz repressão de que o P. é alvo e outras dificuldades resultantes da rigorosa clandestinidade em que vive há já longos 22 anos.

Para obter a elevação do nível ideológico do nosso Partido, não podemos esquecer, em segundo lugar, as obras fundamentais dos nossos mestres, as quais encerram os ensinamentos do passado e do presente, a experiência do movimento revolucionário internacional, a experiência dos Partidos Comunistas Irmãos, especialmente a do P. Comunista (Bolchevique) da União Soviética.

Para obter a elevação do nível ideológico do Partido não podemos esquecer, também a importância do estudo atento das experiências colhidas através das lutas do nosso povo, as lutas da classe operária e o papel dirigente, nelas desempenhado, pelo nosso Partido Comunista.

Isto é: as nossas organizações, os comunistas portugueses, hoje mais do que nunca, terão de ter bem presente a importância que reveste para o desempenho da sua missão, a estreita ligação da teoria à prática conforme nos ensinam os nossos mestres e a experiência vitoriosa do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS.

Finalmente, não podemos esquecer que a luta diária das massas, pela conquista das suas reivindicações económicas, políticas e sociais, são outros tantos factores de primeira ordem para a elevação do nível ideológico do nosso Partido e das massas.

Mas, sem esquecer tudo isto e actuando ao mesmo tempo para a sua respectiva materialização, sem esquecer a importância de outras medidas que o Partido pensa levar à prática, temos de considerar, e de concluir que a **prática da Crítica e da Auto-Crítica**, da forma mais ampla e consequente, é um dos meios mais importantes para imprimir um forte impulso na elevação do nível ideológico do nosso Partido. Pode mesmo afirmar-se que, se isto não for feito, não serão eliminadas muitas deficiências de que enferma o nosso trabalho e a aplicação da linha política do Partido ficará muitíssimo comprometida.

Continua a ser notório da parte de organizações e de camaradas do nosso Partido, a ausência da crítica e da auto-crítica, no aspecto e na amplitude que ao Partido mais interessam. Continua a ser notório da parte de camaradas o medo à crítica, fugindo a ela ou limitando a sua amplitude e, por consequência os seus efeitos benéficos para a organização e para o seu progresso político. Há ainda camaradas que ao ser-lhes feita a crítica aos seus erros e deficiências e, uma vez colocados ante a tarefa de os reconhecerem franca e abertamente, entram mais pelo caminho tortuoso das justificações do que pelo caminho do reconhecimento franco das responsabilidades, como compete a todo o verdadeiro comunista. Tudo isto nos diz, não haver ainda uma justa compreensão do que representa a crítica e a auto-crítica para o progresso do Partido, para o progresso político de todos os seus militantes. Enfim, pode afirmar-se, sem receio de equívoco que, neste domínio da actividade do Partido, subsistem consideráveis deficiências que é preciso eliminar rapidamente. E, para isso, consideramos necessário salientar ainda o que é a Crítica e a Auto-Crítica e como devemos encarar e utilizar estas armas, dum modo amplo e aberto na nossa actividade diária.

## • a crítica

A crítica é a prática, por parte das organizações e por parte dos militantes do P., da análise cuidadosa do trabalho, do cumprimento das tarefas, a análise e verificação dos deveres perante o P., perante a classe operária e o povo. É o controle da aplicação da linha do Partido em todos os domínios da sua actividade. É procurar e saber encontrar os erros existentes, pô-los a nu de forma bem visível, saber ver o que trouxeram de prejuízo para o Partido, o que os originou e, finalmente, encontrar o modo prático de os evitar de futuro.

Claro está que, dentro desta ordem de ideias, às organizações ou aos camaradas que mais responsabilidades têm nesses erros, impõe-se-lhes igualmente a compreensão devida para aceitarem as críticas e as sanções compatíveis com as suas responsabilidades e com a gravidade dos erros cometidos.

## a auto- -crítica

A prática da auto-crítica é um problema muito mais importante e difícil de resolver. E porquê? Porque a auto-crítica, além da colaboração que exige a cada organização e a cada militante para se encontrarem os erros, para se encontrarem as origens e os efeitos destes, o modo de os rectificar e evitar de futuro, significa, sobretudo, da parte de cada organização e da parte de cada militante lançar-se franca e audaciosamente no caminho do reconhecimento dos seus erros, lançarem-se no caminho de uma sincera crítica a si mesmos. Significa saber ver quais as sanções que lhe devem ser aplicadas e saber aceitá-las igualmente, dentro daquele espírito de disciplina livremente aceite por todos os membros do nosso Partido.

Porém, o mais importante da auto-crítica reside na sua aplicação prática. Quer dizer: o Partido não pode ficar satisfeito somente com a auto-crítica feita e observada através das afirmações de qualquer organização ou militante. O mais importante, o que conta finalmente é, digamos, a Prova Real em que se verá a realização na prática do afirmado e reconhecido anteriormente.

É preciso que nos compenetrems de que a subsistir dentro do Partido fraca compreensão, no que se refere à prática da crítica e da auto-crítica, persistindo certas deficiências neste domínio, o nosso Partido não poderá esperar uma boa execução destes princípios básicos da sua doutrina, não se poderá obter, como é preciso, a aplicação justa da linha do Partido, não será observado o desenvolvimento político dos seus quadros, correndo perigos o papel dirigente que lhe cabe, como partido da classe operária.

A organização ou camarada que não compreenda toda a importância da crítica e da auto-crítica e que, portanto, as não utilize na sua actividade diária não pode diri-



em as massas na sua luta diária numa forma justa, o P. não pode confiar no seu trabalho diligente em relação às organizações e camaradas que estejam sob o seu controle.

em

## resumo

A todas as organizações e militantes do P. impõe-se a tarefa de actuar com vistas a que haja ampla prática da crítica e da auto-crítica, de forma a se eliminarem as deficiências existentes, de forma a se elevar o nível ideológico de todo o P. Para isso, é necessário que cada organização, que cada militante, analize regularmente o seu trabalho e a sua conduta, para que os comunistas sejam sempre os melhores e mais completos lutadores pela Democracia e Bem-Estar do nosso povo. Mas para que haja boa prática da crítica e da auto-crítica, para que haja rectificação de todas as nossas deficiências, é preciso que haja maleabilidade e respeito mútuo. Torna-se igualmente necessário o reforço do trabalho colectivo e a prática sã e construtiva da crítica e da auto-crítica. Daqui teremos de partir para que todos os camaradas se sintam à vontade e com a noção exacta da sua responsabilidade, para que assim se possam lançar no caminho aberto da franca crítica e auto-crítica e para que se lancem audaciosamente no caminho da rectificação prática de todos os seus erros e deficiências. «Dentro do Partido a crítica e a auto-crítica são tão necessárias como o são à vida do homem a água e o ar.»

A seriedade e honestidade de um partido, a seriedade e honestidade dos comunistas verifica-se, em grande parte, através da forma como reconhecem e rectificam, na prática, os seus erros.

## RESOLUÇÃO DO C.C. SOBRE ORGANIZAÇÃO

1. Tendo se procedido ao balanço da organização do Partido e sendo apreciado em reunião da Direcção Central, verificaram-se os seguintes aspectos fundamentais para os quais a Direcção do Partido chama a atenção de todos os militantes:

- a) Nota-se melhor estruturação ainda que lenta na maioria dos organismos do P;
- b) Melhor composição social, uma percentagem mais elevada de elementos da classe operária, uma melhor definição de profissões e uma diferenciação mais precisa entre militantes e simpatizantes;
- c) Constata-se uma melhoria do recrutamento das mulheres para as fileiras do P;
- d) Uma relativa elevação do nível político da base do Partido e melhoria no funcionamento dos organismos partidários.

2. Por outro lado, verifica-se uma série de deficiências que a não serem eliminadas poderão pôr em risco a continuidade de todo o trabalho partidário. Entre essas deficiências, destaca-se particularmente:

- a) Número insuficiente de organismos colectivos capazes de assegurarem às organizações existentes os contactos e assistência devida, deficiências estas que já foram assinaladas na reunião anterior e que não fomos capazes de eliminar completamente.
- b) Verifica-se também a formação de organismos que não correspondiam a necessidades orgânicas e que, por esse facto, não tiveram continuidade e a de outros que, pela largueza do seu raio de acção, não puderam assegurar a realização das tarefas que lhes correspondiam;
- c) Falta de vida política na maior parte dos organismos partidários onde não se realizam reuniões regulares, com o tempo necessário e convenientemente preparadas e sem a discussão dos problemas do Partido, nacionais e locais. Esta falta de vida política pode provocar uma instabilidade da base do Partido se não formos capazes de interessar todos os camaradas em actividades concretas. Isto pode também conduzir a uma incompreensão quanto às tarefas da Unidade Nacional e do MUD.

3. Esta situação exige que seja levada à prática uma série de medidas tendentes a vencer essas deficiências, entre as quais destacamos as seguintes:

- a) Concentração dos nossos esforços sobre os sectores massivos, não dispersando a nossa actividade por sectores de reduzida importância;
- b) Necessidade de um controle mais efectivo aos organismos, realizando por vezes um controle mais directo aos organismos imediatamente inferiores sempre que tal necessidade seja reconhecida pela Direcção do Partido, verificando cuidadosamente se as tarefas distribuídas são levadas à prática.

e) Reconstituição e renovação dos organismos cujas deficiências no seu trabalho sejam devidas à sua composição. Isto impõe uma melhor selecção dos quadros e a necessidade duma melhor preparação ideológica destes, pelo estudo dos nossos mistes e dos materiais do Partido.

d) Tendo em conta os efectivos do Partido, verifica-se a necessidade de uma melhor estruturação com o objectivo da consolidação do trabalho partidário do topo à base.

e) O recrutamento para o Partido deverá ser efectuado por forma criteriosa. O ingresso no Partido deve ser feito na base da responsabilização individual e colectiva, havendo um cuidado particular na passagem de credenciais.

f) Ante a perspectiva de novos movimentos populares, é de esperar uma possível intensificação da repressão fascista. Daí a necessidade de todos os organismos estudarem atentamente formas orgânicas adequadas à defesa das organizações e militantes do Partido, por uma melhor compartimentação da organização e da divisão das suas tarefas, sabendo combinar o trabalho legal com o ilegal.

g) Deve ser dada uma ajuda mais substancial ao MUNAF por parte das organizações do Partido, quer pela discussão dos problemas respeitantes à Unidade Nacional, quer destacando para essas tarefas militantes capazes de as realizar.

h) Outras importantes tarefas no campo de organização, tais como o trabalho militar, juvenil e feminino, necessitam de ser discutidas em todos os organismos do Partido, quer feracendo ligações, quer promovendo o recrutamento de novos elementos. O trabalho em organizações de massas, como sindicatos, Casas do Povo, organizações desportivas, etc., deve merecer a maior atenção a todos os organismos partidários.

Será na base de uma discussão ampla em todos os organismos do Partido dos pontos que enumerámos que poderemos eliminar muitas deficiências e melhorar consideravelmente todo o trabalho do Partido.

### O C. C. do Partido Comunista Português.

#### NÃO BASTA A ELEIÇÃO DE DIRECÇÕES HONESTAS

#### *para os sindicatos*

Nas últimas eleições sindicais, a classe operária, seguindo a orientação do nosso P., conseguiu novos postos nas direcções sindicais, mesmo contra todos os obstáculos e fraudes empregados pelo salazarismo e seus agentes para o impedir. Se é verdade que muitas debilidades foram assinaladas e que a maioria das direcções eleitas ainda não foram sansonadas, os resultados até agora obtidos demonstram já um triunfo dos trabalhadores sobre o salazarismo. Mas não basta que os operários tenham conseguido eleger, em muitas partes, elementos honestos para as direcções dos seus sindicatos, torna-se necessária a luta, sem demora, para o seu santonamento e que estes imediatamente, entrem numa acção constante em defesa dos interesses dos trabalhadores. Os cargos de direcção agora conquistados por muitos trabalhadores honestos com o apoio das massas são postos de trabalho para uma acção contínua, em defesa das massas trabalhadoras.

O prestígio do dirigente honesto e a confiança das massas no sindicato correrão perigo se esta orientação não for seguida.

Ora, muitos dos trabalhadores honestos agora eleitos não têm, pela sua falta de experiência, uma nítida compreensão do seu verdadeiro papel e daí o grande risco de muitos estarem sujeitos a desvios na sua forma de actuação. Estes desvios podem levar a uma posição oportunista de inacção completa sem qualquer movimentação em defesa dos interesses das massas ou a uma actuação isolada sem a participação destas, ou ainda, o que seria pior, a deixarem-se influenciar ou arrastar pelas manobras do patronato e do salazarismo a título de qualquer favor ou benefício em seu proveito próprio, transformando-se assim num agente do patronato e do salazarismo no seio das massas através do sindicato.

Na situação actual, em que o salazarismo procura a todo o custo conquistar um apoio mais largo de massas, os sindicatos são um dos campos de acção onde ele actuará com mais persistência, visto encontrarem-se aí reunidas algumas centenas de milhares de trabalhadores. Não devemos esquecer, por outro lado, que muitos dos dirigentes sindicais, de que o salazarismo se tem servido, estão completamente desacreditados perante as massas e, por isso, a sua influência sobre as mesmas, é demi-



nuta. Daí a necessidade de o próprio fascismo salazarista procurar reforçar as suas posições com a captação de muitos dos novos dirigentes agora eleitos com prestígio nas massas. A jantarada ainda há pouco realizada pelo sub-Secretário das Corporações com os dirigentes sindicais é um exemplo bastante concreto dessa preocupação alienante do governo fascista de Salazar.

Estas jantaradas, reuniões e passeatas, onde muito se fala e nada se faz em defesa e benefício dos trabalhadores, têm o objectivo de corromper muitos desses dirigentes. O salazarismo sabe que muitos deles são débeis politicamente e por isso sujeitos mais facilmente a se deixarem influenciar por uma vida burocrática e parasitária de honrarias em lugar de militantes sindicais revolucionários activos, defensores intransigentes dos interesses dos trabalhadores.

Estes desvios e perigos para o movimento sindical só podem ser vencidos com uma estreita vigilância e controle das massas sobre os dirigentes sindicais, para que eles se não desviem do seu justo caminho. Os dirigentes sindicais precisam, por isso, do constante apoio das massas para poderem cumprir a tarefa que as massas lhes confiam. Razão pela qual não devem ser abandonados depois de eleitos e sancionados.

As Comissões Sindicais, muito particularmente, competirá manter essa vigilância, controle e ajuda aos dirigentes sindicais. Elas devem saber manter sempre vivos, no espírito das massas, os problemas que se relacionam com a vida do sindicato, levando-as a participar activamente na sua resolução. Estes problemas são muitos: é o contrato colectivo de trabalho que não está sendo cumprido e que é preciso que o seja, é a luta por um novo contrato colectivo, é a concessão de férias pagas, é o pagamento do Abono de Família, é a prestação duma boa assistência por parte das Caixas de Previdência, é a construção de casas de renda barata para os trabalhadores, é, finalmente, uma série de outras reivindicações que devem ser agitadas entre as massas, para que estas não só pressionem sobre as direcções sindicais para a sua resolução imediata, mas também que as próprias massas participem activamente na luta por essas conquistas com uma vigilância e apoio constante sobre os dirigentes sindicais.

Do que acabamos de dizer, podemos estabelecer o seguinte:

- 1) Que a luta para a eleição de dirigentes sindicais honestos pelos trabalhadores é, só por si, uma vitória para estes.
- 2) Mas para que essa vitória seja completa, é necessário que a luta não pare, é necessário que ela continue não só para que os dirigentes honestos sejam sancionados, mas também para que eles passem a ser defensores activos e intransigentes dos interesses dos trabalhadores.
- 3) Que esta tarefa dos dirigentes sindicais honestos não pode ser obra exclusiva deles, exige a vigilância e apoio constante das massas.
- 4) Que para a mobilização das massas, as Comissões Sindicais e as Comissões de Unidade deverão representar o principal papel, agitando e fazendo propaganda das reivindicações mais sentidas, para serem defendidas pelos dirigentes sindicais perante o patronato e o salazarismo com o apoio das massas.
- 5) Que presentemente há uma série dessas reivindicações a fazer e, por isso, se deve passar imediatamente a uma intensa acção mobilizadora das massas para a sua conquista.
- 6) Que será na medida em que sejamos capazes de levar tal tarefa a cabo que podemos impedir que muitos dos dirigentes sindicais honestos, agora eleitos caiam na inação ou no desprestígio, o que criaria um ambiente de descrença geral nas massas, quanto às possibilidades do aproveitamento dos sindicatos existentes, na luta pela defesa dos seus interesses.

## A INTENSIFICAÇÃO DA REPRESSÃO E O PARTIDO

A medida que se aproxima a data das eleições presidenciais e para a Assembleia Nacional, o governo de Salazar, tendo em vista atemorizar os democratas e patriotas portugueses e dividi-los, tendo em vista uma monobra-burla em maiores proporções do que a realizada em 1945, intensifica a repressão, cava cada vez mais fundo a divisão entre os portugueses, cria, numa palavra, um ambiente de guerra civil.

Ao mesmo tempo que faz julgar militares, homens de ciência, advogados, professores, estudantes, operários e camponeses das mais variadas tendências políticas, muitas vezes sem motivos de culpa e na maioria dos casos com processos fabricados, pelo talento dos bandidos da PIDE, continua a espalhar o terror policial por todo o

país com vistas a liquidar o MUD e o MUNAF e a isolar o P. Comunista das restantes forças antifascistas.

Salazar e toda a camarilha fascista sabem muito bem que só conseguindo isto poderão enfrentar os actos eleitorais que se aproximam, com confiança. Só desta maneira, poderão levar «a bom termo» a manobra pseudo-democrática que há tanto tempo se esforçam por realizar.

Impotentes, até hoje, para dividirem as forças democráticas, os fascistas salazaristas, raivosos, querendo mostrar uma força que não possuem, entram mais abertamente pelo caminho da repressão, fazendo publicar «notas oficiais», fazendo julgar militares de alta patente do Exército e da Marinha de Guerra, professores, industriais, etc., não conseguindo esconder o fasciosismo e a parcialidade do Tribunal, pronunciando grandes títulos o julgamento de muitas dezenas de democratas (para esconder depois ao povo o que se passa nas audiências) fazendo prender por todo o país centenas de portugueses (só no Algarve mais de 40, na altura em que escrevamos) pelo único crime de não concordarem com a actual situação política por desejarem que sejam dadas ao povo português as condições mínimas de liberdade para elegerem os seus governantes, por quererem, numa palavra, Eleições Livres e Portugal Livre e independente de todas as telas estrangeiras.

Por outro lado, o bando de criminosos da FIDE é reforçado a todo o momento (convites nos jornais aos oficiais, sargentos e cabos milicianos), reforço da rede de informadores por todo o país, que a troco de umas centenas de escudos ou de um emprego, se prestam a denunciar, algumas vezes por vingança, os anti-salazaristas, muitas vezes pessoas da própria família; revigoramento da Legião, P. S. P. e C. N. R. com a intensificação de exercícios militares, de lutas de rua e de guerrilhas o que mais não é do que a preparação das forças da Guerra Civil, a que a política salazarista arrastará Portugal, se os democratas e patriotas portugueses não souberem manter-se unidos e intensificar a sua luta, apelando sempre para as massas, contra o regime de traição nacional — o salazarismo.

Por sua vez o Exército, dirigido pelo monárquico-fascista Santos Costa, em vez de ser um exército ao serviço do povo e a imagem do povo, é criminosamente preparado para esmagar o povo e defender os interesses de uma dúzia de monopolistas sem-pátria. Grande parte dos seus quadros, em vez de estudarem nas escolas militares, passaram a estudar nas escolas da FIDE. Em vez de um exército de militares o Exército está a ser transformado num exército de policiais terroristas.

A Igreja, seguindo as directivas de um Estado estrangeiro — o Vaticano — presta nesta emergência um forte apoio ao salazarismo e a todos os inimigos do Povo. Algumas organizações católicas são transformadas em bandos de Bufos e Provocadores. Muitos padres, principalmente no Norte do país, ao mesmo tempo que praticam política na Igreja, são autênticos agentes policiais, como aquele «santo padre» de Covas (Ninho), que se «entretém» a forjar listas de pseudo-comunistas para entregar à FIDE. Algumas dezenas de democratas e outros antifascistas que nada são, têm sido presos pelos barbeiros da FIDE por falsas denúncias de alguns «santos padres».

A situação que acaba de ser descrita em resumo, exige de todos os militantes do Partido uma atenção muito séria, com vistas à aplicação de novas formas de actualização, mas muito fundamentalmente com vistas a cumprir e a fazerem cumprir as regras conspirativas de há muito estabelecidas pelo Partido. As directivas do Comité Central e de todos os escalões superiores do Partido, deverão ser cumpridas rigorosamente com um franco espírito de disciplina.

Os militantes do Partido devem dar provas de iniciativa, estudando e pondo em prática os processos de defesa mais aconselháveis para cada caso ou situação concreta, devem aprender a defender-se e a defenderem as organizações a que pertençam ou dirijam, devem ajudar os democratas, com quem contactam, a defenderem-se da acção policial — FIDE, BUFOS, LEGIÃO, P. S. P., G. N. R., etc..

As experiências colhidas no trabalho conspirativo, devem ser transmitidas rapidamente a todo o Partido.

O não cumprimento das decisões tomadas em matéria conspirativa, é um crime contra o Partido e o Povo. A situação que atravessamos, EXIGE UMA VIGILÂNCIA MÚTUA entre todos os quadros do Partido. A mais pequena falta conspirativa, cometida por este ou aquele militante, deve ser amplamente discutida nos organismos do Partido de que façam parte, com vistas a uma ajuda mútua e a coíthem-se as experiências que nos sirvam para não se praticarem no futuro faltas idênticas. Nunca esquecer que alguns dos grandes erros que se cometem advêm da acumulação de pequenos erros que ficaram sem ser discutidos, a que se não ligou a devida importância.



Esconder uma falta conspirativa ou antes, não se dar conta dos passos que se deu, de que meios se serviu para cumprir as tarefas que lhe foram distribuídas no intervalo duma reunião para outra, é uma incompreensão que é preciso liquidar duma vez para sempre.

As críticas e as auto-críticas, abertas e francas, devem estar sempre presentes em todas as reuniões dos organismos do P.

Não é escondendo as faltas e erros que se defende o P., que se progride, que que se mostra ser bem militante. Ao contrário, seguir por esse caminho, é atentar contra o Partido, é atentar contra si próprio, como militante do P., é, numa palavra, abrir as portas do P. à penetração policial.

Faltas ou erros, só os não comete, quem não trabalha.

Disto todos nós estamos convencidos. Daí o não podermos acreditar que alguns militantes que trabalham não cometam erros. Portanto, uma vez uma falta ou erro cometidos, impõe-se apresentá-los abertamente à discussão, estudar as causas que lhes deram origem de forma a tirarem-se todas as experiências para que faltas ou erros idênticos se não venham a cometer mais.

A situação que atravessamos exige a existência no P. duma autêntica disciplina de ferro. Todos os organismos do P., uma vez verificada a quebra de disciplina, depois duma ampla discussão e apurada a responsabilidade, devem tomar a iniciativa na aplicação de sanções e outras medidas de carácter disciplinar, não esperando, como hoje sucede, pela resolução do Secretariado Central.

Claro que, todas as sanções e outras medidas disciplinares deverão ser comunicadas ao Secretariado que se pronunciará em definitivo.

O que acaba de ser exposto já tem sido dito e redito nas colunas de «O MILITANTE» e verbalmente. Entretanto, continuam a verificar-se incompreensões por parte de alguns militantes, sendo prova disso, as últimas sanções publicadas em «O MILITANTE» e em circulares do Secretariado. Alguns militantes (alguns da própria Direcção Central) julgam-se, parece, por vezes em terreno conquistado, parece pensarem que consigo «não há azar», e, o que é mais grave, substituem por vezes a acção da polícia, parece julgarem que ela só actua nos centros mais importantes. Ora, essa não é a realidade.

Como se patenteia acima, a polícia actua hoje à escala nacional. Em todos os recantos do país, a polícia actua directamente nuns casos e por intermédio duma bem montada rede de informadores, bufos, PSP, GNR, GF, Legião, alguns elementos do Exército, algumas organizações católicas, muitos «santos padres», etc. etc., noutros casos.

Isto indica nos que os cuidados e a aplicação das normas conspirativas devem ser mais ou menos idênticos para todo o país cabendo aos escalões superiores do Partido e principalmente aos funcionários, a tarefa de ajudarem, esclarecendo com exemplos concretos, as organizações da Província a defenderem-se da repressão e a defenderem o Partido, uma vez caídos nas garras dos bandidos da PIDE, sendo de aconselhar a leitura comentada do folheto «SE FORES PRESO CAMARADA».

## DESVIOS E INCOMPREENSÕES NA CONSTITUIÇÃO DE

## comissões eleitorais

Com a apresentação da candidatura do Sr. General Norton de Matos à Presidência da República, em nome da Oposição Democrática, colocou-se perante os democratas do nosso povo, a tarefa concreta da constituição de Comissões Eleitorais. O Candidato que realizem e desenvolvam a campanha de propaganda da eleição por todo o país e entre o nosso povo e que lutem, ao mesmo tempo, para forçar o fascismo a revelar as condições fundamentais expostas no manifesto «À Nação», sem as qual não é possível a concorrência às urnas dum candidato da Oposição.

Como na constituição dessas Comissões tem havido algumas incompreensões, entre alguns dos nossos camaradas e pontos de vista discordantes, entre alguns democratas, torna-se necessário fazer uma análise, ainda que incompleta, das principais incompreensões e ideias erradas existentes para a sua eliminação e o reforço de todo o nosso trabalho ulterior.

No «Avante» nº. 120, nós dizíamos que se deviam criar «Comissões por toda a parte» e que todos os democratas devem ingressar nessas comissões. **Posto assim**

o problema, nós entendemos que todo o democrata activo, quer seja operário, camponês, pequeno proprietário ou comerciante, intelectual, etc., deve sentir-se no direito de, dentro do seu meio de acção, constituir uma Comissão Eleitoral que realizará as tarefas decorrentes do actual momento, criado com a apresentação da Candidatura do candidato da Oposição.

Ainda que julgemos necessária uma certa coordenação de todas as actividades das Comissões, pensamos que não nos devemos preocupar em demasia com este problema, mas dar-lhes ampla liberdade de acção na sua actividade diária, não amarrando as Comissões às instruções que devem vir de cima ou duma comissão «superior» que em muitos casos só serve de travão à iniciativa das massas.

Também é corrente a ideia, nalguns democratas e mesmo nalguns comunistas de que na constituição destas Comissões não devem ser incluídos democratas «queimados» e que devem ser constituídas por pessoas menos conhecidas da política. Seguindo-se tal orientação, a que levará tal política? Levará à formação de Comissões com aquelas pessoas que até hoje têm vivido à margem da luta antifascista, luta essa que é a luta do povo democrático do nosso país, pessoas que até hoje têm sido simples «espectadores» e que só se decidem quando o tempo corre de feição. Naturalmente que não poderemos estar de acordo com tais ideias. O não se incluir nas Comissões os democratas que tendo desprezado todas as suas conveniências, tendo sacrificado toda a sua vida na luta democrática do nosso povo contra o fascismo e que ganharam, por essa mesma razão, a confiança e o respeito do povo português, é roubar ao movimento pró-candidatura todo o seu prestígio, criado através dos longos 22 anos de luta contra o fascismo.

**Assim, devemos constituir as Comissões com todos os democratas; todos devem ter o seu lugar nestas comissões. Só assim realizaremos a verdadeira Unidade do nosso Povo.**

Outra ideia não menos perniciosa, perniciosa também por alguns elementos democratas incluído alguns comunistas é a de transformar pura e simplesmente as Comissões do MUD em Comissões Eleitorais Pró-Candidato. Esta ideia é perniciosa, geralmente, por aqueles democratas que temendo a acção repressiva do fascismo se prestaram a fazer o jogo deste, paralisando toda a sua actividade nas Comissões do MUD, e hoje procuram transformar estas em Comissões Eleitorais, obstando a que se criem outras de novo tipo. Ora, o problema põe-se assim: aos democratas que fazem parte das Comissões do MUD deve colocar-se hoje como tarefa fundamental a constituição de muitas e amplas Comissões Eleitorais, dar-lhes vida e experiência, fortalecendo e ampliando assim a legalidade da sua actividade nesta tarefa do momento. Só assim conseguirão reconquistar a legalidade que não souberam defender durante algum tempo e provarão ser dignos da confiança dispensada pelo povo democrático.

**LOGO, O PROBLEMA NÃO ESTÁ EM TRANSFORMAR AS COMISSÕES DO MUD EM COMISSÕES ELEITORAIS PRÓ-CANDIDATO «PARA LEGALIZAR O SEU TRABALHO» MAS QUE AS COMISSÕES DO MUD DÊM PROVAS DE VITALIDADE E DE ACÇÃO E OS SEUS MEMBROS, DANDO PROVAS DE CORRESPONDER À CONFIANÇA DISPENSADA PELOS DEMOCRATAS, SEJAM AQUELES QUE, PELA SUA ACÇÃO COORDENADA, SE TORNEM OS DECIDIDOS DINAMIZADORES DE TODA A ACTIVIDADE E DO LEVANTAMENTO DO POVO PORTUGUÊS NESTA HORA GRAVE PARA OS DESTINOS DO PAÍS.**

EXORTAMOS TODOS OS COMUNISTAS A LUTAREM DECIDIDAMENTE CONTRA TODOS OS DESVIOS NA CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS COMISSÕES ELEITORAIS QUE SÃO FILHAS, EM GERAL, DE IDEIAS OPORTUNISTAS E DO RECEIO DO POVO, NO SEIO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS.

## ***Reforcemos o controle de execução***

**É preciso que todos os organismos exerçam um controle mais regular e mais rigoroso da actividade dos organismos que estão sob a sua dependência.**

(De «O MILITANTE» n.º 51 de Abril de 1948).